

Exercícios de aprendiz: os primeiros passos de Zita¹

Graziela Valadares Gomes de MELLO VIANNA²
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

Resumo

No presente artigo apresentamos a trajetória inicial de Maria José Antunes de Andrade Lima, mais conhecida como Zita de Andrade Lima, buscando entender a sua aproximação com o rádio. Tal aproximação é percebida tanto nas práticas profissionais quanto por meio das pesquisas desenvolvidas por Zita que apresentavam o rádio como objeto de análise e discutiam o seu potencial expressivo, além de destacarem as possibilidades de utilização para a educação e para a mobilização social. Pretendemos assim entender as contribuições de Zita para os estudos da comunicação e, mais especificamente do rádio, fazendo jus à memória de Zita de Andrade Lima, lembrada como esposa de Luiz Beltrão, mas por vezes esquecida como pesquisadora da comunicação, do rádio e, mais especificamente, do radiojornalismo.

Palavras-chave: Zita de Andrade Lima; rádio; radiojornalismo.

1 Pioneiros na pesquisa sobre o rádio no Brasil

Encontramos entre as pesquisas realizadas e publicadas por integrantes do Grupo de Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM) algumas metapesquisas sobre a produção científica sobre o rádio e as mídias sonoras como objeto de estudo (MOREIRA, 2005; FERRARETO, 2010). Tais pesquisadores observam que o rádio, apesar da sua presença no país desde as primeiras décadas do século XX, raramente mereceu a atenção dos pesquisadores brasileiros antes da década de 1970. Encontramos muitos

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora adjunta do departamento de Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da UFMG. Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP, com estágio de doutoramento no Centre de Sociologie de L' Innovation (CSI) em Paris. e-mail: grazielavmv@gmail.com

livros que traçam um panorama histórico do rádio a partir da memória de radialistas ou artistas, além de publicações que podem ser consideradas como manuais técnicos de transmissão, produção ou de montagem de aparelhos receptores. Sônia Virgínia Moreira confirma essa lacuna nos estudos do rádio:

Até a década de 1970 a produção sobre o rádio brasileiro teve origem fora da universidade. A maioria dos livros, ensaios e artigos publicados sobre a radiodifusão nacional tinha como autores profissionais atuantes, pioneiros do meio ou interessados na técnica da transmissão eletrônica de áudio. A partir da década de 1980 essa situação começa a se alterar e surgem estudos isolados na academia, boa parte deles destacando a ausência de bibliografia sobre um meio de comunicação importante para um país com características geográficas, econômicas, culturais e políticas como o Brasil. Dos relatos baseados na memória particular o campo evoluiu para pesquisas de base histórica e alguma análise sociológica. Os estudos radiofônicos se ampliaram –incluindo temas como análise de conteúdo, de gêneros, avaliação de personagens, recursos de tecnologia –a partir da década de 1990 (2005, p.108).

Tendo em vista esse quadro, podemos considerar Maria José Antunes de Andrade Lima como uma pioneira nas pesquisas sobre o meio, uma vez que na década de 1960, Zita de Andrade Lima, como ficou conhecida, já publicava trabalhos resultantes de suas inquietações acerca dos usos do meio, da estética radiofônica, dentre outras. Portanto, podemos incluí-la no rol das exceções em relação ao perfil dominante dos autores interessados no rádio mencionados por Sônia Virgínia Moreira. Como veremos adiante, além de profissional do rádio como muitos autores do seu tempo, a relevância das pesquisas de Zita sobre o meio é inegável.

2 A jovem Zita de Andrade Lima

“Uma das funções do jornalista é perscrutar o futuro, sugerir soluções com embasamento em uma cultura adquirida nas universidades.”
Zita de Andrade Lima

Nosso objetivo no presente texto é acompanhar os primeiros passos de Zita de Andrade Lima na vida acadêmica e profissional, aceitando assim o convite (e o desafio) do prof. José Marques de Melo e da prof.^a Nair Prata feito a mim e a diversos pesquisadores brasileiros para refletir sobre a trajetória de Zita e sobre suas contribuições para os estudos do rádio. O resultado desse desafio em breve será colocado em circulação por meio de um livro a ser publicado no segundo semestre de 2015. Quem foi Maria José Antunes de Andrade Lima? Como e quando a jovem Zita começou a se interessar pela comunicação e pelo rádio? Quais são as suas principais discussões sobre o rádio? Qual a sua visão sobre o meio? São questões que buscaremos responder ao longo do presente texto.

Zita publicou diversos livros e artigos científicos dedicados ao meio rádio. Foi produtora e locutora de rádio, professora universitária, jornalista, repórter, diretora de jornal, diretora executiva do Instituto de Ciências da Informação, atriz e diretora de teatro, escritora. Além da produção acadêmica, se dedicava ainda à literatura: publicou livros de contos e crônicas. Sua produção se mantém atual, integra ainda hoje a bibliografia das disciplinas que constituem a grade curricular de cursos de graduação em todo o país e serve como norte para pesquisas científicas, principalmente aquelas que tem o rádio como objeto.

Não pretendemos aqui dar conta de toda essa sua carreira acadêmica e profissional. Partilhamos essa tarefa com outros colegas nessa publicação mencionada dedicada à pesquisadora. Nossa intenção aqui é apenas pensar nos primeiros rumos de Zita de Andrade Lima ainda jovem, no encaminhamento da sua carreira acadêmica e apontar alguns de seus interesses acerca do rádio.

Maria José Antunes de Andrade Lima, conhecida como Zita de Andrade Lima, nasceu em Moreno, cidade do interior do Estado de Pernambuco, às 9 horas da manhã de um domingo de Ramos, mais precisamente no dia 13 de abril de 1924.

Muito antes das suas contribuições ao campo da comunicação, Zita de Andrade Lima, aos treze anos de idade, já produzia precocemente textos para um jornal regional. No Suplemento Infantil do Diário de Pernambuco, o mais antigo jornal publicado no Brasil e ainda em circulação no país, lia-se naquela época textos de uma certa colaboradora mirim que assinava sob o pseudônimo de Nina Rosa de Alcântara. Tal colaboradora era Zita.

Ainda com treze anos conheceu, por intermédio de amigos em comum, um estudante de Direito que, aos dezenove anos, era sócio fundador do Centro de Cultura Humberto de Campos³ - um dos centros da efervescência cultural de Pernambuco naquele período e também atuava no Diário de Pernambuco, inicialmente como arquivista, depois revisor e àquela época como repórter: Luiz Beltrão de Andrade Lima.

Zita não poderia adivinhar quando conheceu na Praça do Carmo em Olinda aquele rapaz “de olhos oblíquos, sorriso simpático (...) nascido sob o signo de Leão” (LIMA, 1999, p.14-15) que ele viria a se tornar seu grande amor e companheiro de vida, além da principal influência na sua vida acadêmica e profissional. Assim, sete anos depois daquele encontro, em 1944, Zita de Andrade Lima se casou com Luiz Beltrão, com quem viria a ter cinco filhos, quatorze netos e quatro bisnetos.

³ Sobre o Centro de Cultura Humberto de Campos, Luiz Beltrão descreve que “o Centro funcionava no amplo salão do 1º andar, com suas cinco varandas, no mesmo aposento em que, ainda antes dos Nunes da Silva, o maestro Euclides da Fonseca recebia os amigos e proporcionava-lhes momentos de encantamento em concertos de piano, realizava suas sessões nos domingos e feriados. Durante a semana, o salão era utilizado pelos seus locatários, estudantes e improvisados professores: Francisco Julião Arruda de Paula, que depois se tornaria nome nacional pela sua liderança das Ligas Camponesas, e seus primos Sindulfo e José Hugo. Proferiram conferências e palestras no Humberto de Campos nomes do relevo de Mário Sette, Geraldo de Andrade e Gilberto Freyre; ali, tive como companheiros de aventuras intelectuais, entre muitos outros, Lêdo Ivo e seu irmão Floriano, Lauro Gusmão, Vanildo Bezerra Cavalcanti, Lauriston e Dustan Monteiro, Luiz Guedes da Luz, Adeth Leite, Eurico Costa, Jorge de Medeiros de Sousa, que teriam atuação destacada em diferentes setores da vida cultural de Pernambuco e do País; ali, também, repercutiam e faziam prosélitos as idéias políticas e filosóficas, alimentavam-se as aspirações por um Brasil maior, acompanhavam-se campanhas cívicas e movimentos de ação social como a cruzada nacional de educação, a criação de universidades populares.”(BENJAMIM citado por MARANINI, 2015)

Na década de 1960, Zita de Andrade Lima tornou-se bacharel em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco, onde fez parte da primeira turma de formandos do Curso Pioneiro de Jornalismo da UNICAP, criado em 1961 por Luiz Beltrão e outros jornalistas. Curso esse cujo modelo didático-pedagógico influenciaria as diretrizes de diversos outros cursos de jornalismo implementados no país (GURGEL, 2012). O marido e então professor de Zita a incentivava a dedicar-se com afinco ao curso e às atividades relacionadas às práticas de comunicação. Durante a sua graduação, por exemplo, além das boas notas obtidas nas disciplinas, Zita esforçou-se e conseguiu a chance de fazer um estágio no Departamento de Relações Públicas da Esso Brasileira de Petróleo no Rio de Janeiro, estágio esse que a levou a conhecer as práticas e estratégias de comunicação de uma multinacional instalada no país.

3 Zita e o rádio

“Cada palavra proporciona uma contribuição para a existência: constitui a essência do mundo e a essência do homem; o que há de mais profundamente essencial no homem é revelado, é reconhecido pelas qualidades da sua voz”.

Zita de Andrade Lima

De volta à Pernambuco, em Olinda, Zita produziu e apresentou um programa diário na Rádio Olinda intitulado *30 minutos na vida de uma mulher* e foi diretora do Departamento de Notícias da Rádio Universidade Federal de Pernambuco. Mais tarde, quando passou a morar em Brasília, continuou a se dedicar às práticas profissionais do rádio e continuou a trabalhar em emissoras de rádio: foi produtora da Rádio MEC, dentre outras atividades profissionais.

Após a graduação, também sob a orientação de Luiz Beltrão, realizou estudos de especialização como bolsista sob o auspício da UNESCO no CIESPAL – Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para a América Latina – fundado por Danton Jobim na Universidade Central do Equador⁴. Tais estudos ampliaram os horizontes críticos de Zita acerca dos usos do rádio na América Latina.

Em 1965, Zita faz um relato da experiência no CIESPAL em uma exposição apresentada no IV Seminário Regional sobre Ensino de Jornalismo e Meios de Informação Coletiva realizado no Rio de Janeiro em 1965, onde pretende chamar a atenção da UNESCO sobre a situação dos meios de comunicação no Brasil destacando a relação dos meios com o desenvolvimento político, cultural e sócio-econômico da região em que nasceu: o Nordeste. Nessa apresentação, percebemos a tentativa de valorização do rádio como meio de comunicação popular, meio de comunicação esse que se faz presente em toda a sua trajetória acadêmica e profissional⁵. Em uma das propostas do seu relatório, Zita sugere

recomendar aos meios de informação o estabelecimento de uma cadeia de rádio regional, com programas difundindo os valores locais, pois assim seria promovido o desenvolvimento cultural necessário ao desenvolvimento social, econômico e pessoal, quaisquer que sejam os critérios de bem estar social. (LIMA, 1965, n.d.)

Os ouvintes do interior, das pequenas comunidades, preferem ouvir falar de gente que conhece, com quem negocia, em quem vota, com quem simpatiza ou antipatiza, a quem admira ou inveja; quer saber do padre, do juiz, do promotor, do farmacêutico, da professora, do

⁴ Fundado em Quito, Equador, em 1959, mediante convênio assinado entre a UNESCO e o Governo do Equador, o CIESPAL (Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para a América Latina), dirigido por Jorge Fernandez, teve suas atividades iniciadas em 1960, com a realização do I Curso Internacional de Aperfeiçoamento em Ciências da Informação Coletiva.. Tinha por objetivo formar pessoal docente, organizar estágios de aperfeiçoamento para os professores de jornalismo e para os jornalistas profissionais, bem como realizar estudo sobre os métodos de ensino e as técnicas de comunicação. (MARANINI, 2015)

⁵ Um dos exemplos dessa aproximação com o rádio ao longo da sua carreira é a sua publicação sobre radiodifusão na revista *Comunicações & Problemas*, considerada a primeira revista científica do Brasil, fruto das pesquisas e produções acadêmicas realizadas pelo Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM), do qual Luiz Beltrão foi fundador (GURGEL, 2012). O professor José Marques de Melo nos esclarece os contextos de surgimento do ICINFORM: “A aproximação ao CIESPAL e às idéias comunicacionais ali difundidas por cientistas europeus e norte-americanos o influenciaram (Luiz Beltrão) a criar, em 1963, o primeiro centro brasileiro de estudos acadêmicos sobre os fenômenos midiáticos. Trata-se do Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM), mantido mediante convênio com a Universidade Católica de Pernambuco. Esse núcleo foi responsável pela formação da primeira equipe de pesquisadores dedicados sistematicamente aos fenômenos comunicacionais no Brasil e pelo lançamento da primeira revista científica da área - *Comunicações & Problemas* -, publicada a partir de 1965, tomando como modelo sua congênera norte-americana *Journalism Quarterly*.” (MELO, 2015)

‘chaufer’ [sic] de caminhão, de juíza de bandeira do santo padroeiro”...Isto numa linguagem simples, com o mesmo sotaque, as mesmas expressões, o que aumenta a credibilidade das mensagens emitidas. (LIMA, 1971, p.149)

Portanto, em 1971, Zita antecipa os novos rumos do rádio a partir daquela década frente à migração das verbas publicitárias para a televisão: o rádio passa ser prioritariamente um meio de comunicação que se dirige à população local utilizando uma linguagem coloquial. Zita compreendia o rádio como um meio de mobilização social e propunha a sua utilização como um meio que “falasse” diretamente com as comunidades locais.

Assim, ao invés de uma visada saudosista do rádio - como se percebe em textos de radialistas daquele período, que se queixam do alcance reduzido das emissoras FM em relação às emissoras dos tempos áureos do rádio que falavam para todo o país – Zita entendia que a possibilidade de proximidade das emissoras locais e regionais com os seus ouvintes poderia ser utilizada em ações de mobilização em prol do bem comum.

Zita de Andrade Lima em diversos momentos refletia também sobre as especificidades da linguagem radiofônica, um meio sonoro por excelência, realizando assim uma análise da palavra falada e do potencial expressivo do som. De acordo com Zita,

o som tem de revelar, pela sua estrutura intrínseca, o universo de cada um, o mundo criado em cada inteligência, em cada sentimento; o universo racional e o universo emocional. É através da audição que as informações se transformam em nossa mente em conhecimento. (...) É preciso sentir mais o mundo pelo ouvido, vivendo com maior intensidade a realidade do som, da música, do ruído, propondo questões antes impensadas ou despercebidas, libertando formas até então aprisionadas. (LIMA, 1975, p.45)

Dessa forma, em uma década em que a novidade do Brasil eram as imagens em cores

dos aparelhos de televisão, Zita de Andrade Lima defendia a apreensão do mundo não pelas imagens, mas sim pela escuta. A pesquisadora entendia que “o ouvinte reconstitui, na sua imaginação, o espetáculo, o ambiente, a fisionomia que mais lhe convém. O rádio utiliza a audição, mas evoca a visão” (LIMA, 1975, p.44), efeitos de sentido esses que alguns autores definiriam como “imagem sonora” ou “imagem auditiva”. (BALSEBRE, 2005; HAYE, 2005). Para Zita,

o profissional de rádio tem de ser mestre na arte da descrição, pitográfica (*sic*), topográfica ou cinematográfica – para que o ouvinte possa ‘arquitetar’, ‘construir’ um ambiente; para que o ouvinte possa penetrar, ser envolvido e visualizar o mundo que o locutor lhe oferece. (*idem*, p.52)

Zita fazia uma distinção entre “palavra”, que seria a “essência, conteúdo, dinâmica do pensamento” e a voz que ela define como “vibração do ser em forma de som, expressão sonora da personalidade, dinâmica do sentimento, aspecto emocional” (*idem*, p.44). A voz no rádio é originalmente desprovida de corpo, para o ouvinte, a voz é o seu corpo. Para a pesquisadora, “o rádio põe em jogo o contraste presença-ausência. No rádio há uma dupla ausência: quem fala não vê quem ouve e quem ouve não vê quem fala” (*idem*, p.44).

Considerando as proposições de Zumthor (2000), entendemos que a voz possui materialidade, seus traços - o timbre, a entoação que constituem a performance da voz - são descritíveis e interpretáveis e representam um corpo ausente. Concordando com Zumthor (2000), “escutar um outro é ouvir, no silêncio de si mesmo, sua voz que vem de outra parte. Essa voz, dirigindo-se a mim, exige uma atenção que se torna meu lugar, pelo tempo dessa escuta.” (ZUMTHOR, 2000, p.98).

As proposições de Zita dialogam assim com a visada do medievalista ao colocarem a voz como a materialidade do locutor distante do ouvinte. A partir desse entendimento, Zita sugere uma tipologia da voz no rádio de acordo com as suas funções (representação, expressão e apelo⁶) e ainda faz sugestões acerca do que seria para ela

⁶ De acordo com a autora, a função de representação seria “a função referencial, informativa, de interpretação ou demonstrativa: transmite o fato, transmite conceitos, referências, explica o conteúdo sobre o que se fala” (*idem*,

uma boa utilização da voz. No presente artigo, não colocaremos em discussão tais proposições de Zita de Andrade Lima. Apenas destacamos aqui a pertinência das mesmas para os estudos acadêmicos que tem o rádio como objeto e o ineditismo das suas inquietações sobre o rádio em um período em que o meio não costumava merecer a atenção dos pesquisadores brasileiros.

3 Radiojornalismo: a escuta atenta de Zita

“A primeira forma de jornalismo oral continua em uso nos nossos dias, nas pequenas comunidades interioranas: é a conversa na calçada das farmácias, das barbearias ou dos hotéis, que reúne o farmacêutico, o barbeiro, o promotor, o marido da professora, o juiz, algumas vezes o ‘seu’ vigário, o caixeiro-viajante – este muito respeitado como trazedor de novidades. Tropeiros, mascates choferes de caminhão, barqueiros do São Francisco, da bacia Amazônica, de outros grandes rios, contrabandistas, bandoleiros são agentes desse jornalismo do vai e vem, do leva e traz, que põem as populações distantes ao par dos últimos acontecimentos.”

Zita de Andrade Lima

Zita de Andrade Lima sempre acompanhou Luiz Beltrão em suas diversas viagens ao longo da carreira acadêmica. E, obviamente, também acompanhou o marido em sua

p.45). A função expressiva (ou emotiva) “ se caracteriza pela transmissão de conteúdo emotivo; revela o comportamento emocional de quem fala; denuncia aspectos de sua vida, circunstâncias que o envolvem” (*idem*, p.45). Já a função apelativa (ou “de provocação”) tem como finalidade atuar sobre o ouvinte. Quando a fonte interroga, pede, ordena ou exorta, quando argumenta, lisonjeia ou repreende tem um objetivo que não é simplesmente dar uma informação, mas é atuar sobre o ouvinte influenciando no seu modo de pensar e agir.” (*idem*, p.45)

transferência para Brasília⁷ em 1965. Na Universidade de Brasília, ela iniciou os seus estudos de pós-graduação e obteve o título de Mestre em Comunicação, com uma dissertação sobre radiojornalismo, adaptada para publicação em 1970 sob o título de *Princípios e técnica do radiojornalismo*. O trabalho tem um escopo amplo e ambicioso: a autora parte dos princípios técnicos da transmissão radiofônica, do registro sonoro e dos aparelhos receptores, discorre sobre as origens e desenvolvimento do jornalismo oral, discute a estética radiofônica e os gêneros jornalísticos no rádio. E Zita foi longe em seus trabalhos, mais precisamente até a pré-História, para desvelar as origens da notícia:

Algumas notícias das mais palpitantes e que mais forte influência exerceram e ainda exercem na humanidade, circularam nos primórdios da evolução humana. Por exemplo, a utilização do fogo. Quando o homem comunicou ao outro homem que podia dominar aquela coisa terrível, assombrosa, fantástica, que surgia luminosa dentro da noite, que se anunciava com estrondo e destruía a vida e devorava as florestas e trazia fome às aves e pânico aos répteis – fazia circular uma notícia, que transportaria valores para o desenvolvimento cultural, técnico, econômico e social da humanidade. Estava fazendo jornalismo: informando e orientando os grupos humanos para a promoção do bem-estar coletivo. (LIMA, 1966, p.115)

Zita também situa no passado remoto as origens distantes da comunicação e do jornalismo oral:

As informações de interesse desses grupos (comunidades de cultura primitiva, de selvagens), a formação da opinião coletiva, se faziam, e transmitiam por meio de conversas. Havia sempre dois

⁷ Sobre a transferência de Luiz Beltrão para a UnB em 1965, Maranini descreve que aconteceu “depois que 265 professores foram demitidos por razões políticas. Beltrão conta que o secretário de Imprensa do governo Castelo Branco, José Vamberto Assunção, seu amigo, o convidou para reorganizar a Faculdade de Comunicação de Massa da Universidade de Brasília, mas estipulou uma condição “ não se falar em comunicação de massa porque era subversivo”. O convite foi uma oportunidade, na visão de Beltrão, para ampliar as bases de seu trabalho. “Lá eu verifiquei que o plano da Faculdade de Comunicação de Massa feito por Pompeu de Souza era realmente muito bom.” Beltrão apresentou ao Reitor Laerte Ramos de Carvalho uma exposição de motivos propondo a reorganização da Faculdade de Comunicação e a proposta enfrentou grandes dificuldades por parte dos docentes, que não aceitavam a indicação de um coordenador imposto pela Reitoria. Além disso era difícil encontrar professores com titulação disponível em Brasília e a distância ainda era um fator negativo para transferência de profissionais. Luiz Beltrão permaneceu como diretor da Faculdade de Comunicação da UnB por três períodos letivos, cerca de 18 meses.” (MARANINI, 2015)

interlocutores – um ou uns perguntando, e outro respondendo. Às vezes, as notícias eram enviadas através de instrumentos de percussão: sons preestabelecidos eram emitidos e captados à distância, estabelecendo-se o diálogo à maneira do telefone dos nossos dias. (*idem*, p.115-116)

Sobre *Princípios e técnica do radiojornalismo*, que se configura como uma das principais contribuições de Zita de Andrade Lima para as pesquisas sobre o rádio, outros colegas vão desenvolver uma reflexão mais aprofundada ao longo da publicação dedicada a ela, da qual o presente texto faz parte. No entanto, cabe aqui concordar com a relevância do livro de Zita de Andrade Lima defendida por Janine Passini Lucht em um artigo sobre os gêneros jornalísticos no rádio, no qual a pesquisadora coteja diversos estudos anteriores acerca do radiojornalismo, dentre eles a pesquisa de Zita:

O livro, que pretende ser uma manual para a realização radiofônica, aborda os princípios da radiodifusão, os fundamentos do jornalismo oral, a linguagem e o estilo radiofônico, código de sinais de comunicação entre operadores técnicos e apresentadores, mas fundamentalmente, explora a classificação dos gêneros radiojornalísticos vigentes até aquele momento e que, até hoje, não foi superado por nenhum outro pesquisador. (LUCHT, 2009, p. 12-13)

Lucht nos confirma assim a importância e o ineditismo do trabalho de Zita de Andrade Lima para os estudos do rádio. E *Princípios e técnica do radiojornalismo*, apesar de ser um dos trabalhos mais conhecidos em sua produção, não é o único de sua autoria a abordar o meio. Percebemos em sua produção bibliográfica, outros trabalhos cuja a inédita abordagem crítica da linguagem e das funções e radiofônicas ampliam a discussão sobre o rádio. Mas, conforme mencionamos, deixamos a cargo dos meus colegas uma abordagem mais demorada dos mesmos ao longo do livro publicado sobre a pesquisadora.

4 Últimos passos

Dedicamos no presente texto a observar o início da carreira de Zita de Andrade Lima e fazer um panorama geral das suas contribuições para as pesquisas acerca do rádio. Observamos em muitos momentos que a carreira acadêmica e profissional de Zita de Andrade Lima foi pautada pelos rumos tomados por Luiz Beltrão. Assim, Zita é lembrada muitas vezes apenas como a esposa de Luiz Beltrão, o que não faz jus à sua significativa contribuição aos estudos do rádio.

Apesar do brilhantismo do marido, Zita tinha luz própria. A qualidade de seus textos e a sua intensa atividade profissional dedicada ao rádio confirmam isso. Luiz Beltrão pode ter norteado seus passos em momentos decisivos da sua carreira, tais como a graduação, a entrada no CIESPAL, a mudança para Brasília, mas foi Zita quem trilhou um caminho pautado pelas tentativas de valorizar o meio rádio como meio de comunicação regional capaz de educar e informar as pessoas mesmo nos lugarejos mais longínquos do país e ainda compreender a potencialidade de suas características específicas. Além disso, como vimos, Zita buscou entender as origens do radiojornalismo, a estética radiofônica e sistematizar a criação e produção jornalística no rádio, além de analisar e classificar os seus elementos constituintes, como por exemplo, a voz.

Seus textos continuam sendo lidos por estudantes dos cursos de Comunicação em todo o país e utilizados como referência para pesquisas que tem o rádio como objeto de estudo. Mesmo depois dessa luz ter se tornado “estrela” no dia 27 de outubro de 2004, os trabalhos desenvolvidos por Zita de Andrade Lima nunca deixaram de ser estrelas-guia para nós, pesquisadores do rádio de uma outra geração.

Referências bibliográficas

BALSEBRE, Armand. **El lenguaje radiofónico**. Madrid: Cátedra, 1996.

BENJAMIN, Roberto Ernesto Câmara (org). **Itinerário de Luiz Beltrão**. Recife: Associação da Imprensa de Pernambuco/Fundação Antônio dos Santos Abranches-Fasa, (Perfis Pernambucanos; 9) 1998. 311 p.

FERRARETTO, Luiz Artur. Pesquisa a respeito do rádio e de outros meios sonoros no século 21: das transformações na natureza do meio e de seus congêneres aos seus usos no contexto da convergência digital. **In: Radio Leituras**. Ano I, Num 01 Edição Julho – Dezembro 2010. Disponível em <<http://radioleituras.wordpress.com>> Acesso em 01 de julho de 2015.

GURGEL, Eduardo Amaral. **A pedagogia do jornalismo na teoria e prática de Luiz Beltrão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, SP, 2012.

HAYE, Ricardo. *El arte radiofónico: algunas pistas sobre la constitución de su expresividad*. Buenos Aires: LaCrujia, 2004.

JORNAL BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. **Falece Zita de Andrade Lima, a esposa de Luiz Beltrão**. Disponível em <http://www2.metodista.br/unesco/jbcc/jbcc_mensal/jbcc264/dialogo_zita.htm> acesso em 28 abril de 2015.

LIMA, Zita de Andrade. **Luiz, companheiro de ofícios e de sonhos**. Brasília: Thesaurus, 1999.

LIMA, Zita de Andrade. **Princípios e técnica de radiojornalismo**. Brasília: Inciform, 1970.

LIMA, Zita de Andrade. **Contribuição ao tema: o rádio no Brasil**. N./D.

LIMA, Zita de Andrade. **A palavra falada**. Texto apresentado ao I Seminário de Estudos de Comunicação Social – Fortaleza, maio de 1975. N.D.

LUCHT, Janine Marques PASSINI. **Os Gêneros Jornalísticos No Rádio** (Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação em 2009, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação). Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3205-1.pdf>> Acesso em 03 abril 2015.

MARANINI, Nicolau José Carvalho. **A trajetória de um pioneiro**. Disponível em <<http://www2.metodista.br/unesco/luizbeltrao/luizbeltrao.biografias.htm>> Acesso em 29 abril/2015.

MELO, José Marques de. **Luiz Beltrão: Pioneiro dos estudos de Folkcomunicação no Brasil.** Disponível em <http://www2.metodista.br/unesco/luizbeltrao/luizbeltrao.biografias.htm> Acesso em 29 abril/2015.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Pesquisa de rádio no Brasil, a contribuição da Intercom (1997-2004). In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo, MELO, José Marques, MOREIRA, Sonia Virgínia, BRAGANÇA, Aníbal Bragança (Org.). **Pensamento comunicacional brasileiro.** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2005. p. 108-117.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura.** São Paulo: EDUC, 2000.